



O assistente educacional e sua atuação numa turma multisseriada do município de Duque de Caxias: a construção da identidade surda

The educational assistant and her/his practice in a multi-level class at Duque de Caxias: building a deaf identity

Luciana Andréia Rodrigues Furtado²⁷

RESUMO

A Educação de Surdos no cenário mundial apresenta lacunas em sua trajetória que acarretaram perdas significativas na escolarização de seus educandos. Visando a uma maior qualidade no trabalho desenvolvido junto a alunos surdos, temos o trabalho de parceria entre o Professor Bilíngue e o Assistente Educacional que é um profissional imerso na Cultura

ABSTRACT

The Deaf Education on the world stage has gaps in its history which implied substantial losses in the schooling of their students. In order to maximize quality in work with the deaf students, we are working partnership between the Bilingual Teacher and Educational Assistant who is a professional, immersed in Deaf Culture and proficient in sign

²⁷ Especialista em Educação Bilíngue para Surdos, Departamento de Ensino Superior (DESU/INES). Coordenadora Pedagógica substituta, Departamento de Educação Básica/Instituto Nacional de Educação de Surdos (DEBASI/INES). Contato: lucianaandre@gmail.com

Surda e proficiente em Língua de Sinais. Este profissional surdo desempenha um importante papel na formação de novas gerações com atribuições de disseminação da língua, de características tipicamente surdas e servindo de um exemplo vivo. Legitimado por dispositivos legais pátrios e pela teoria vigente no tocante à surdez, o Assistente Educacional encontra todo o amparo necessário para a execução de seu trabalho. O presente trabalho tem por objetivo elucidar a importância da atuação deste profissional junto a novas gerações de educandos surdos.

Palavras-chave:

Educação de Surdos. Assistente Educacional. LIBRAS. Cultura Surda.

language . This deaf professional plays an important role in the formation of new generations with tongue dissemination assignments , typically deaf and serving as a living example features. Legitimized by patriotic legal provisions and the current theory regarding deafness, the Educational Assistant will find all the support necessary for the execution of their work. And the present study aims to elucidate the importance of the performance of this professional with the new generations of deaf students.

Keywords:

Deaf Education. Educational Assistant. LIBRAS – Brazilian Sign Language. Deaf Culture.

"Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós, deixam um pouco de si, levam um pouco de nós."
Saint-Exupéry

INTRODUÇÃO

A motivação para este trabalho se deu frente ao desejo de dar continuidade à discussão iniciada na monografia de conclusão do curso de pedagogia pela pesquisadora, que, naquela ocasião, investigou a atuação do assistente educacional junto às turmas do 5º ano de escolaridade, ou seja, turmas que estão findando o 1º segmento do ensino fundamental.

A presente pesquisa, por sua vez, visa refletir sobre a atuação do

assistente educacional desde o ingresso dos educandos no âmbito escolar e, para isto, foi escolhida a turma Multisseriada 1, na qual a investigadora ingressava naquele ano letivo. Como acontece no caso da maioria das crianças surdas, o primeiro contato com a surdez dos alunos da turma investigada se deu na escola, onde, em contato com seus pares linguísticos e com o assistente educacional, os alunos puderam compreender as especificidades da surdez, desde questões linguísticas até culturais.

Frente ao exposto, ocorreu o interesse em investigar a atuação do referido profissional, uma vez que seu trabalho, em parceria com o professor bilíngue, visa atingir resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos, que, conforme dito anteriormente, buscam na escola não somente a escolarização, mas também o seu reconhecimento como sujeito pertencente a uma comunidade onde a aquisição da Libras os efetiva como sujeitos plenamente capazes em adquirir conhecimento.

Deste modo, o trabalho pretende deslindar a importância da atuação do assistente junto à turma pesquisada com relatos de experiências de situações observadas na pesquisa de campo e fundamentá-las com a teoria relacionada.

DESENVOLVENDO UMA PRÁTICA BILÍNGUE

O Assistente Educacional é um profissional no processo de escolarização de alunos surdos e encontra amparo legal no Decreto 5.626/2005, em seu Capítulo III, que trata da FORMAÇÃO DO

PROFESSOR DE LIBRAS E DO INSTRUTOR DE LIBRAS. A inserção deste profissional surdo nos ambientes educacionais se viu necessária a partir da promulgação da Lei 10.436/2002, que reconhece a Língua de Sinais como a língua natural do surdo, a qual, desta forma, passou a ser respeitada e defendida como a língua deste grupo social. Com isso, foram iniciadas as discussões acerca da importância do contato de crianças surdas com adultos proficientes na língua natural para o processo de aquisição da língua, da cultura e também do aprendizado destes discentes.

Duque de Caxias, município onde foi realizada a pesquisa, é integrante da Região Metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, situado na região da Baixada Fluminense. Sua população em 2013 foi estimada em 873.921 habitantes, figurando como o terceiro município mais populoso do estado.

O município conta com escolas de primeiro e segundo segmentos de ensino regular e o ensino especial. Dentro desta modalidade, o ensino especial, temos as classes especiais que atendem a alunos surdos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. Já no segundo segmento de ensino, os alunos surdos são inclusos em turmas regulares e acompanhados por intérpretes educacionais.

A função do assistente educacional foi criada no município no ano de 1997, com a nomenclatura de Monitor. Em um trabalho diário, com carga horária de 4 horas, desempenham funções, como facilitar a construção da identidade surda, colaborar com a construção de estratégias de comunicação para o desenvolvimento do processo específico

para surdos, proporcionar a ampliação do conhecimento do mundo destes alunos, entre outras especificidades.

Importante destacar que, em Duque de Caxias, o requisito para exercer a função de Assistente é o Ensino Médio, o que vai de forma contrária ao especificado no dispositivo legal no tocante à formação deste profissional que, para o ano de escolaridade da turma pesquisada, deveria ser o curso de Pedagogia.

Em geral, as escolas contam com um número de assistentes que se revezam de forma a atender todas as turmas. Todavia a turma Multisseriada 1, onde foi realizada a observação, frente à sua característica diferenciada, contou com um assistente fixo para atender suas demandas linguísticas e ser capaz de avaliar o desenvolvimento, bem como atentar para as necessidades dos alunos.

Ao ingressarem na escola, os alunos deste contexto pesquisado se depararam com este profissional surdo, o qual, segundo relato das famílias, é o primeiro contato com um adulto surdo e dotado de língua. Este fato representa, além de uma importância linguística, também uma importância social para estas novas gerações.

O diferencial que o município possui para o atendimento educacional aos alunos surdos são duas escolas, nomeadas de escolas-polo: uma situada no 1º distrito e outra, no 3º distrito. A pesquisa aqui descrita foi realizada na primeira.

A turma em que se pautou a pesquisa é um diferencial oferecido, pois, por contemplar alunos de 5 a 7 anos de idade, foi denominada Multisseriada 1, já que a rede municipal não conta ainda com Educação

Infantil própria para alunos surdos e, em função das políticas públicas, os alunos surdos estão chegando cada vez mais cedo à sala de aula.

Frente ao exposto, apesar da diferença de idade dos alunos da turma, a grande maioria caracteriza-se pelo seu primeiro contato com a escola ter se dado pela inserção nesta turma. Sendo assim, em geral, tanto as famílias quanto os alunos desconhecem as questões referentes à surdez e sua especificidade linguística. A comunicação entre os alunos e as famílias se dá por meio de gestos convencionados entre eles.

A fim de atender a esta necessidade, o trabalho realizado com estes alunos foi ministrado pela professora regente da turma, professora bilíngue, em parceria com o assistente educacional, profissional surdo, proficiente em língua de sinais e graduando do curso de Pedagogia Bilíngue do INES, que é o foco da pesquisa aqui partilhada.

A pesquisa de campo foi realizada em uma turma de classe especial de surdos, com cunho qualitativo, já que buscou o aprofundamento de dados. Não houve a preocupação com números e sim com a identificação de valores na elucidação da eficácia da atuação do profissional pesquisado junto à turma. Além disso, buscou-se, a todo o momento, fazer relação da prática do referido profissional, o assistente educacional de Libras, com a pesquisa teórica, sempre utilizando embasamento teórico que a justificasse.

As aulas eram sempre planejadas em conjunto entre o assistente e a professora da turma, também usuária da Língua de Sinais, para que, desta forma, os conteúdos programáticos fossem respeitados, mas sem deixar de priorizar a L1 dos alunos – a Libras. Esta interação entre a professora regente da turma e o assistente pode ser observada como se

dando de forma respeitosa e eficiente, uma vez que as atividades ministradas eram sempre aplicadas no sistema de parceria por estes dois profissionais.

Os conteúdos programáticos estabelecidos para a turma visavam ao trabalho com conhecimentos necessários a formação da identidade, interação com o meio, respeito à diversidade, conhecimento de corpo, entre outros, todos eles pertencentes ao eixo de trabalho da Educação Infantil, uma vez que se tratava do primeiro contato dos alunos com a escola.

Uma das primeiras atividades da cultura surda que pôde ser observada na pesquisa foi o processo de atribuição de um “sinal” a cada aluno da turma. O fato é uma característica marcante da vida social do sujeito surdo, afinal, ele será reconhecido por sua comunidade por meio deste sinal, que lhe deve ser dado por outro surdo, o que, aliás, é a única exigência para a legitimação e validação deste sinal. Ou seja, apenas um surdo pode atribuir sinal a alguém.

Frente a este fato, Quadros (1997) afirma que este “sinal” pode apresentar motivação física, mas também pode variar. E o fato pode ser observado no contato com a turma, uma vez que o assistente educacional optou pelo contato com os alunos por dias, a fim de identificar as características que lhes eram peculiares para, então, atribuir-lhes os sinais que lhe caracterizavam como membros da comunidade. Ao término da atividade, os alunos foram fotografados fazendo os seus sinais para que, ao lado do nome escrito, pudessem compor a chamada da turma.

Ainda tratando da questão referente ao sinal, pode ser observado que, depois de compreendido o mecanismo pelos alunos e sua fun-

ção cultural, uma atividade bem marcante tratou do Dia das Mães. A simbologia da data foi trabalhada pela professora da turma, observando a data no calendário, produções de lembranças etc. E ao assistente, coube a motivação dos alunos com relação às características individuais de cada mãe, para que, assim, cada filho, sujeito surdo, membro iniciante desta comunidade, atribuísse à sua genitora um sinal. O fato foi discutido com a turma, fotos das mães compuseram um cartaz e, no dia da celebração, fato peculiar nas escolas de primeiro segmento, cada aluno levantava-se, seguia para apresentar sua mãe aos demais colegas com seu nome e seu sinal e, então, era entregue a lembrança confeccionada. Um momento importante de afirmação dos estudantes surdos como sujeitos e membros da comunidade surda.

Em composição no grupo, um poema foi ensaiado com os alunos, com os sinais apresentados e trabalhados em sala de aula pelos educadores para que, então, fosse apresentada às mães presentes mais uma característica da produção da cultura surda: poema em língua de sinais. De forma intencional, o poema foi narrado, a princípio, sem tradução, objetivando a sensibilização das famílias com relação à importância da aquisição da língua para o desenvolvimento de seus filhos. Posteriormente, foi-lhes informado que o poema era o mesmo que acompanhava a lembrança confeccionada pelos alunos.

A produção das lembranças para o Dia das Mães também foi marcada por uma atividade onde a língua pudesse ser apresentada aos alunos, além da produção escrita. Foram confeccionados biscoitos a partir de uma receita simples, dada a idade e o conhecimento linguístico dos educandos. A receita, apresentada de forma bem visual, contava

com os ingredientes dispostos em uma mesa, para que os alunos então pudessem elaborar hipóteses acerca do que seria realizado. Alguns disseram que seria um bolo, outros questionaram esse dado, mas o fator mais relevante foi que o diálogo foi todo elaborado em Libras e incentivado pelo assistente.

Novos sinais foram acrescentados ao vocabulário, e as embalagens vazias serviram de material de leitura para a composição do texto a ser trabalhado em sala de aula. Os alunos foram responsáveis por enrolar os biscoitos, compreenderam a necessidade de um tempo para que o mesmo fosse assado e, assim, puderam reforçar a compreensão da função do relógio para a vida cotidiana.

Com esta atividade, ficou evidente a capacidade visual que os sujeitos surdos desenvolvem não somente com relação ao seu sistema linguístico, mas também no que se refere a todo o aprendizado realizado por esta comunidade (SKLIAR, 2012). Nas palavras do autor: “A surdez é uma experiência visual, (...) e isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação e todas as formas de compreender o universo em seu entorno se constroem como experiência visual.” (p. 28).

Importante ainda, com relação ao descrito, mencionar Quadros (1997), já que a autora trata da aquisição da linguagem em crianças surdas e os estágios desta aprendizagem. Além disto, elucida com clareza questões que permeiam a necessidade da escola adotar o Bilinguismo como proposta de escolarização dos alunos surdos e da necessidade destes alunos terem o contato com profissionais surdos como instrutores desta língua. Enfatiza a importância da escola para os alunos surdos,

afinal, é neste espaço que é oportunizado o desenvolvimento da língua para a grande maioria dos sujeitos surdos, filhos de pais ouvintes. Ou seja, em comparação com os alunos ouvintes, a escola tem um papel diferencial não só no processo de escolarização, mas no processo de aquisição da linguagem e de socialização, de interação com o mundo destes alunos surdos, já que alunos ouvintes chegam à escola dotados de uma língua, de uma cultura, de vivências. Por sua vez, o aluno surdo necessita deste espaço para a aquisição de todas estas ferramentas de vida. Isto porque:

A aquisição da linguagem ocorre quando os indivíduos têm acesso ao *input* linguístico que seja compreensível e que seja estruturalmente um pouco mais complexo que a competência linguística por ele internalizada. O *input* de natureza compreensível é a chave para a aquisição da linguagem. (QUADROS, 1997, p. 87).

É de suma importância destacar que o bilinguismo apresentado na escola pesquisada é o que se dá de forma quase concomitante à aquisição da primeira língua. As datas comemorativas, no geral, sempre eram o ponto de partida para as aulas ministradas, de modo que recursos imagéticos de mídias e propagandas serviam para despertar a atenção dos alunos frente às atividades propostas.

Com um ambiente rico em imagens e caracterizações, procurou-se, a todo o momento, oportunizar o aprendizado dos alunos, principalmente respeitando esta relação da surdez com o visual.

Nesse sentido, a festa junina também foi um fator que despertou bastante interesse nos alunos. A confecção de bandeirinhas, a apresentação de sinais de cores, a apresentação de vídeos com festas já realizadas, as rodas de conversas sobre o tema com outros alunos surdos

da escola com narrativas de experiências já vivenciadas, a apreciação de fotos de festas realizadas na escola, a produção de desenhos com a compreensão acerca do apresentado, colagens de tecidos para a composição de roupas de bonecas e bonecos de acordo com o gênero dos alunos, a produção de listas de pares e a sinalização de músicas infantis fomentaram nos alunos o prazer pelo aprendizado.

A culminância da festa não pôde se dar com a participação de toda comunidade escolar, pois o vice-diretor da unidade faleceu e, frente a isso, a escola cancelou a sua festividade, mantendo-se de luto. Todavia, os educadores da turma, em conversa com a direção geral, demonstraram a necessidade de uma finalização de todo trabalho apresentado à turma e, assim, compreendendo a especificidade dos alunos, foi autorizada uma celebração para os alunos surdos. E dizemos aqui alunos surdos porque alunos de outras turmas foram convidados a participar.

Com a arrecadação de brindes, pôde ser feita a pescaria e o jogo de latas, atividades bem características deste tipo de festividade. Os pais participaram ativamente com a doação de pratos típicos para a composição de uma mesa temática. O ambiente, rico em estímulo visual, foi amplamente aproveitado e discutido pelos alunos mesmo após o evento, pois a composição de um mural de fotos foi a responsável pelas produções escritas dos alunos em sala de aula. Além disso, a visualização de vídeos da festa ratificou a necessidade do visual para os alunos surdos que, mais uma vez, puderam estar com seus pares.

Em relação ao descrito, Skliar (2012) faz uma menção positiva à necessidade de se legitimar a cultura surda valorizando o contato de

crianças surdas com seus pares já adultos. E o que pôde ser evidenciado, a todo o momento, no ambiente pesquisado, foi o cuidado do profissional assistente educacional em ser um modelo vivo para esta nova geração que lhe foi apresentada e fornecer, de maneira visual, os recursos necessários para a aquisição linguística, tão importante e necessária às demais etapas do processo educacional. Afinal, o ambiente encontrado era bilíngue e, o tempo todo, a língua, não só de instrução, mas de comunicação, era a Libras.

Com relação ainda à importância da Libras para o desenvolvimento dos alunos, Dorziat (2011) afirma que a língua de sinais ganha mais uma estruturação teórica ao ser respeitada e tratada como a formação da identidade surda e indispensável ao desenvolvimento do intelecto destes sujeitos. Além disso, a autora expõe, em sua obra, que é através da interação, como em qualquer outra língua, que se dá o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos que a produzem. Dada a necessidade desta interação, reforçamos sua fala: “Durante muito tempo os surdos foram impedidos de interagir entre si, visto que a sua língua não era aceita na sociedade, conseqüentemente, houve muitas perdas no processo de desenvolvimento cognitivo destes sujeitos.” (p.174).

A exposição e a troca linguística vivenciada na pesquisa corroboram o pensamento da pesquisadora que, atenta para o fato de que a língua e a comunicação não podem ser negadas aos indivíduos, defende a necessidade não só de contemplar a língua como meio de instrução, mas também como meio de comunicação, exposição de ideias, relatos de vida, entre outras dimensões. Novamente, fazendo

relação com o ambiente pesquisado, podem ser observadas rodinhas de conversas diárias entre alunos, assistente educacional e a professora, fato este que despertava nos alunos não só práticas narrativas, mas também a capacidade de respeito à sinalização dos demais colegas.

Findado o primeiro semestre de estudo dos alunos, foi proposto pelos educadores o ciclo de visitas. Durante as duas semanas de recesso, os alunos visitariam a casa do colega de turma ou marcariam, em locais comuns a ambas as famílias, para que então fosse dada a continuidade linguística do que já havia sido aprendido. Com esta atividade, que foi inclusive sugerida pelo assistente educacional, os alunos poderiam, assim, estar em contato com seus colegas, já que em suas residências não havia um ambiente linguístico sinalizador eficaz. A proposta era também registrar os momentos com fotografias, para que, no retorno às aulas, os alunos pudessem narrar a experiência.

De volta às aulas e de posse das fotos, o assistente elaborou uma apresentação em slides para ser projetada aos alunos, e, assim, a roda de conversa tratava destes encontros vivenciados pelos alunos. O tema foi aproveitado para a composição de um mural de retorno ao segundo semestre e de desenhos e palavras escritas pelos alunos com a sensação vivida.

A atividade foi considerada importante, uma vez que laços de amizade foram estreitados pelos alunos, afinal, aquele colega com o qual foram compartilhadas as férias nada mais é que o par linguístico, que o par cultural. É entre os pares que se compõe a aprendizagem; há o diálogo, o desabafo, a troca, o fortalecimento da comunidade surda e a brincadeira. E com relação à brincadeira e sua importância, diz-nos

Antunes:

Brincando, as crianças constroem seus próprios mundos e dos mesmos fazem um vínculo essencial para compreender o mundo adulto, ressignificam, reelaboram acontecimentos que estruturam seus esquemas de vivência, sua diversidade de pensamento e a diversidade de sentimentos. Toda criança, distanciada da criação desse “mundo”, afasta-se da significação do “outro mundo”, que como adulto buscará decifrar e estabelecer linhas de convivência (...) Não é pois sem razão que a brincadeira representa sólido eixo da proposta educativa(...) (ANTUNES, 2004, p.31).

Questionado acerca da proposta ofertada às famílias, o assistente educacional relatou que, em sua infância, também nesta escola, sua mãe, ao ver se aproximando o período das férias e acompanhando seu claro desenvolvimento, sugeriu às outras mães tal atividade. O fato marcou de forma tão positiva a infância do assistente que o mesmo a carregou para sua vida profissional, visto o sucesso que pôde evidenciar com os encontros em sua formação social, linguística e educacional.

Com relação ainda às brincadeiras, estas foram tratadas na turma e claramente respeitadas. A turma, composta por crianças, encontrava-se em uma escola na qual os demais grupos eram de segundo segmento de ensino. Lotados no horário da tarde, estes alunos surdos não tinham contato com os demais alunos surdos da escola de 2º ao 5º ano de escolaridade, uma vez que estes estavam alocados em classes especiais no turno da manhã. Logo, o referencial de infância que tinham na unidade era o de seu próprio grupo. O recreio, compartilhado com os demais alunos de segundo segmento, dificultava o momento de descontração. Acabava sendo utilizado apenas para terminar as refeições, escovar os dentes e ir ao banheiro.

Pensando na necessidade de um momento livre, às sextas-feiras, os alunos tinham um momento de recreação fora da sala, em frente à mesma. O local, uma espécie de corredor largo, foi palco de brincadeiras tipicamente infantis, como amarelinha, pular corda, queimada, corrida do saco, bola de gude, entre outras. As brincadeiras eram propostas pelos educadores a fim de oportunizar o aprendizado dos alunos das tradições infantis. Neste dia, era permitido também que os alunos levassem seus brinquedos para que pudessem ser compartilhados com os colegas. E estas relações de emprestar, devolver, dividir, escolher de qual brincadeira participar eram mediadas de maneira a contemplar a todos os alunos. Tais atividades objetivavam, como defende Vygotsky (1994), potencializar a influência que o brinquedo exerce no desenvolvimento infantil. E como o autor mesmo deixa claro, o conceito de brinquedo é bem amplo, refere-se não apenas a objetos, mas principalmente à atividade de brincar.

Observando as brincadeiras, pudemos constatar a presença de brincadeiras de faz de conta entre o assistente e os alunos. A brincadeira proposta pelos alunos era a de uma perseguição policial, em que o assistente encontrava-se na posição de bandido e dois alunos, na posição de policial. A brincadeira refletiu uma infeliz experiência vivida pelos alunos, em que policiais perseguiram bandidos pela rua da escola, e um dos bandidos abrigou-se em uma casa ao lado da unidade, da qual a janela da sala de aula da turma ficava bem próxima. Na ocasião, a docente e o assistente moveram os alunos para outra sala, para a segurança dos mesmos.

A questão mais importante na brincadeira foi a utilização de palitos como as armas dos policiais que os alunos sequer viram, mas já traziam consigo o conhecimento prévio das características de um policial. A corda usada para pular foi utilizada como algemas e, neste contexto, o bandido foi preso, e a paz da brincadeira, restabelecida.

Com base no apresentado e sua importância na vivência dos alunos, citamos Rego (1994), acerca de Vygotsky:

Através do brinqueado a criança aprende a atuar numa esfera cognitiva que depende de motivações internas (...). O pensamento que antes era determinado pelos objetos do exterior passa a ser regido pelas ideias. A criança poderá utilizar materiais para representar uma realidade ausente, por exemplo, uma vareta de madeira como espada (...). Nesse caso, ela será capaz de imaginar, abstrair as características dos objetos reais e deter no significado definido pela brincadeira. (p.81).

Outra característica observada foi a presença de regras estabelecidas por meio da comunicação entre os participantes da brincadeira que, de forma clara, decidiram quem ocuparia cada papel. Estes “combinados” que foram produzidos refletiram com eficiência a comunicação no grupo. Daí a necessidade da linguagem como bem coloca Vygotsky. Só há pensamento em razão da linguagem. A linguagem é também responsável por nos definir como humanos e nos distinguir dos outros animais. Então, desta forma, só pode a educação se constituir de forma plena e efetiva em razão da linguagem. É pela linguagem que transmitimos conhecimento e cultura:

Na medida em que a criança interage e dialoga com os membros mais maduros de sua cultura, aprende a usar a linguagem como instrumento do pensamento e como meio de comunicação. Nesse momento o pensamento e a linguagem se associam, conseqüentemente o pensamento torna-se verbal e a fala racional. (REGO, 1994, p.65).

Ainda com relação ao assistente educacional, foi observada a sua importância também no conhecimento corporal dos alunos como sujeitos surdos. A contação de histórias e suas narrativas permeadas de detalhes linguísticos e corporais foram questões que merecem destaque no presente trabalho.

Semanalmente, eram escolhidos livros de histórias que contextualizassem as aulas e que, associados à data comemorativa do período, pudessem ampliar o conhecimento dos alunos. O livro então era estudado pelo assistente que, uma vez em sala de aula, o contava para os alunos. Mas esta contação envolvia toda uma expressão corporal e a sua caracterização. Com poucos recursos: lençol virava cenário, papel recortado se tornava estrela e maquiagem simples dava vida aos personagens. Tudo pensado para chamar a atenção dos alunos.

Previamente, o livro era apresentado, sempre escolhido a partir de uma rica apresentação de imagens, manuseado pelos alunos, tudo para que a imaginação já pudesse ser despertada. Perguntas como “sobre o que vocês acham que trata este livro?” e menções acerca das imagens eram as responsáveis por toda a introdução da obra. O assistente destacava também números de páginas, autor do livro e editora.

Munidos desta curiosidade, os alunos eram então convidados a se sentar no chão, de maneira confortável, e a participar da história. Algumas vezes, as histórias eram encenadas entre o assistente e a professora, mas isso variava de acordo com o livro selecionado. E a apresentação era sempre em Libras e acrescida de muita representação corporal.

Após a contação da história, o assistente sempre convidava os alunos a recontarem a história, com suas características e à sua maneira.

Tal convite objetivava o pleno uso do corpo pelos alunos, bem como a memorização de detalhes ocorridos na narrativa. Os colegas podiam, a todo o momento, auxiliar com detalhes esquecidos e intervir em sinais pouco eficientes para a exposição. Desta forma, a história ia sendo recontada de forma coletiva.

Uma vez compreendida esta dinâmica de trabalho pelos alunos, que cada vez mais se valiam de detalhes para recontar a história, a dinâmica de trabalho foi modificada para recontagem, modificando o final. A atividade envolvia a conversa entre os alunos a fim de que todos ficassem satisfeitos com o novo final. Nos casos onde não era possível o consenso pelo grupo, mais finais eram apresentados. O objetivo da atividade era oportunizar a fala autônoma dos alunos, desenvolvendo sua criatividade e sua capacidade de produção textual.

Outras possibilidades de narrativas contadas pelo assistente foram surgindo, e o repertório de gêneros foi sendo ampliado: piadas, poemas e contação sem Libras, apenas com o uso do corpo e com uso de configuração de mãos.

Um fato bem interessante foi observado com relação à contação de histórias com o uso de apenas uma configuração de mãos. Em um primeiro momento, os alunos não consideraram possível a história, por não haver uma variação nos sinais empregados, e, sim, a variação se dar no movimento da configuração apresentada. Durante toda a história, sinalizavam que a mesma estava “errada” por não conseguirem compreender o uso. Contudo, levados a recontar o que entenderam, empregavam a maior parte dos sinais de forma coerente ao simulado com a configuração. Todavia essa experiência de contação ainda precisava

ser mais trabalhada com os alunos pelo assistente, para compreensão e participação de forma efetiva neste tipo de produção.

Para celebrações do mês do surdo em setembro de 2014, uma peça teatral foi ensaiada com os alunos para apresentação aos pais. O livro escolhido reflete bem as angústias e anseios da comunidade surda: *O mistério das bocas mexedeiras*. A dinâmica envolveu todo um trabalho junto aos alunos que foi, desde a contação, recontagem da história, releitura com desenhos, caracterização dos personagens e produção do cenário. Além do trabalho linguístico e artístico realizado pelos alunos com a mediação do assistente educacional e da professora da turma, o objetivo também era relatar aos pais os entraves linguísticos que surdos podem sofrer se não tiverem desde cedo acesso à língua de sinais.

Ainda neste trabalho, foi contextualizado, para os alunos, que o livro contava com uma personagem surda assim como eles, descrevendo acerca de sua vida e de sua comunicação por meio da Libras e, principalmente, da necessidade do convívio com seus pares para seu desenvolvimento linguístico e sentimento de pertencimento à comunidade surda. Tal projeto reuniu, em si, todo o anseio e necessidade de transmissão por parte do assistente a estes alunos e atingiu com êxito os objetivos planejados.

CONCLUSÃO

Frente a todo o exposto, a figura do assistente educacional, o profissional surdo sujeito da pesquisa realizada, é, antes de tudo, o modelo vivo na transmissão da cultura surda a novas gerações que estão

ingressando no sistema educacional, uma vez que, diferentemente de crianças ouvintes que já ingressam no sistema educacional dotadas de língua, crianças surdas necessitam da escola para, além do conhecimento científico, serem inseridas em sua cultura.

Desta forma, acredita-se que a presença deste profissional nos sistemas educacionais é de suma importância, pois traz consigo a significação cultural da qual novas gerações surdas necessitam. Dialogar com os pares faz com que o aprendizado seja significativo, concreto e real.

Ao tratar linguisticamente com um adulto proficiente na língua, os alunos sentiam-se mais seguros em apresentar suas fragilidades. A figura do assistente é, de forma clara, muito importante no aprendizado da língua de sinais pelos estudantes surdos, os quais, por muitas vezes, ao sentirem a necessidade do uso de um sinal para argumentar com a professora acerca de algum assunto, interrompiam a conversação para, junto ao assistente, conseguir o retorno linguístico almejado para a composição de sua fala.

Assim, pode ser observado, já no primeiro ano de escolarização destes alunos, o reconhecimento e a importância deste profissional na transmissão da cultura. Rodinhas de conversas e brincadeiras entre o assistente e os alunos puderam ser observadas durante todo o período pesquisado. Os alunos o reconheciam como o seu igual, como o seu par linguístico. Tanto que chegar à escola antes do horário das aulas passou a ser uma oportunidade de troca muito prazerosa. E, neste contexto, ia se dando cada vez mais a ampliação linguística e cultural dos alunos.

Não nos causou estranheza quando um dia, sentados em uma mesa da escola, alunos perguntavam ao assistente se cada aluno que passava era ouvinte ou surdo. Algumas vezes, a resposta era facilmente obtida e em outras, não. Para as respostas facilmente obtidas, o assistente levava os alunos a observarem os detalhes como fones de ouvidos, rádios, falas ao celular, entre outras nuances para caracterizar os alunos ouvintes da unidade. Após um tempo, a turma já mapeava sem problemas os alunos surdos da escola e facilmente dirigiam suas falas, questionamentos e dúvidas a esses alunos em caso de ausência do assistente.

Deste modo, a função social e educacional do assistente foi cumprida. A função social foi atingida quando inseriu seus pares dentro de sua comunidade linguística e cultural, vindo a garantir, desta forma, o sucesso de lutas futuras, procurando assim romper com anos de des-caso e defasagem linguística que os surdos sofreram. Já a função profissional logrou êxito, porque, ainda neste contexto, o assistente cumpriu a função social da escola.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. *Educação Infantil*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRASIL. *Decreto N° 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- _____. *Lei 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências.
- DORZIAT, A. *Estudos Surdos: Diferentes olhares*. Porto Alegre, Ed. Mediação, 2012.
- QUADROS, R. M de. *Educação de Surdos*. Porto Alegre. Ed. Artmed, 1998.
- LODENIR, KARNOPP, M. K. L. *Cultura Surda*. Canoas: Ulbra, 2011.
- REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre. Editora Mediação, 2012.